

A SAGA DO IMPÉRIO - VOLUME TRÊS

A SENHORA DO IMPÉRIO

Raymond E. Feist
& Janny Wurts





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

SUMÁRIO

1. Tragédia	11
2. Confronto	30
3. Guerra	64
4. Adversidade.....	101
5. Maquinações	135
6. Estratégema.....	153
7. Culpado	182
8. Interrogatório.....	201
9. Milagre.....	220
10. Intervalo	235
11. Luto	250
12. Aviso.....	265
13. Reviravolta.....	280
14. Revelação.....	303
15. Segredos.....	325
16. Reações	355
17. Conselho.....	374
18. Evasão	400
19. Prisioneira	427
20. Conselho.....	453
21. Decisão	478
22. Desafio	499
23. Luta	518
24. Retorno	532
25. Assembleia.....	553
26. Batalha	570
27. Provocação	592

28. Vingança.....	614
29. Destruição	632
30. Perseguição.....	654
31. Kentosani.....	668
32. Imperador.....	694
33. Conselho Imperial.....	719
Epílogo: Reencontro.....	742
Agradecimentos.....	751

*Este livro é dedicado a Kyung e Jon Conning,
com gratidão pelas ideias e pela amizade.*



Tundra dominada pelos Chun

Cidade dos MDagos

Império dos TSURANUANNI

AQBOLINA

Neshska

Mixoxa

Migran

Tusan

Rul

Pesh

Ilha dos Destacamentos

Map of islands

Nar

Mar de Sangue

KELEWAN

Banganok (Ruínas)

TSUBAR A TERRA Perdida

OUSTARI

Grandes Desertos





Montanha Elevada

COLTARI

Kelosani.
A Cidade Sagrada

Silmani

LASH

Barak

SZETAC

HOKANI

Yankora Profunda

Yankora

Sulan-Qu

olan-Qu

Jamar

Ontoset

Seran

Grande Pântano

Cidade das Plantícies

Passagem de Xula

HONSHONI

TERRAS Altas dos THURIL

ana

Baía da Batatha

Kolth

Xula

Lepala

Confederação THURIL

Rujije

Sueto Wama

Llama

Brigani

Tragédia

O sol raiou.

O orvalho cobriu de joias a relva das margens do lago e o chamado das shatra nos ninhos foi carregado levemente pela brisa. A Senhora Mara dos Acoma saboreou a brisa, que logo daria lugar ao calor do dia. Sentada em sua liteira, com o marido a seu lado e Justin, o filho de 2 anos, cochilando no colo, ela fechou os olhos e, satisfeita, inspirou profundamente.

Deslizou os dedos sob a mão do marido. Hokanu sorriu. Sua beleza era inegável, comprovadamente a de um guerreiro; os tempos de calmaria não haviam suavizado seu porte atlético. Apertou, possessivo, a mão sobre a dela, com a força mascarada pela ternura.

Os últimos três anos tinham sido bons. Pela primeira vez desde a infância, ela se sentia segura, a salvo das mortíferas e intermináveis intrigas políticas do Jogo do Conselho. O inimigo que matara seu pai e seu irmão já não podia ameaçá-la. Já não passava de pó e recordações. Além disso, a família caíra junto com ele e o Imperador tinha concedido a Mara suas terras ancestrais e sua propriedade magnificamente equipada.

Segundo a superstição, o azar infecta a terra de uma família que caiu em desgraça, mas, numa manhã maravilhosa como aquela, o infortúnio parecia ausente. Conforme a liteira avançava devagar pela margem do

lago, o casal partilhava a paz do momento enquanto observava a casa que, junto, tinha restaurado.

Aninhado entre colinas íngremes e rochosas, o vale que antes pertencera aos Senhores Minwanabi não era somente protegido pela natureza, mas tão belo que parecia tocado pelos deuses. O lago refletia um céu plácido, as águas onduladas pelas remadas rápidas em uma canoa mensageira que transportava despachos para agentes na Cidade Sagrada. Lá, barcas de cereais, impulsionadas a remo por escravos que entoavam cânticos, entregavam as colheitas do ano a entrepostos, para armazená-las até que as cheias da primavera permitissem o transporte rio abaixo.

O vento seco do outono ondulava a relva dourada e o sol matinal iluminava os muros da propriedade como se fossem de alabastro. Do outro lado, numa depressão do relevo, Jujan e Xandia, os Comandantes das Forças Armadas, treinavam uma força militar conjunta de guerreiros Acoma e Shinzawai. Como Hokanu um dia herdaria o título do pai, o casamento com Mara não fundira as duas casas. Guerreiros vestindo o verde dos Acoma marchavam ao lado de homens ostentando o azul dos Shinzawai, as fileiras salpicadas de preto devido às divisões de insetos cho-ja. Junto com as terras dos Minwanabi, a Senhora Mara conquistara uma aliança com mais duas colmeias e, com ela, a força combatente de mais três companhias de guerreiros criados por sua rainha para lutar.

Um inimigo louco o bastante para atacar estaria pedindo para ser aniquilado. Mara e Hokanu, e seus leais vassalos e aliados, comandavam um incomparável e prestigiado exército no seio das Nações. Apenas os Brancos Imperiais, formados por soldados recrutados de outras casas sob a soberania do Imperador, poderiam rivalizar com esses dois exércitos. E se tropas de excelência e uma fortaleza praticamente inexpugnável não bastassem para assegurar a paz, o título de Serva do Império conferido a Mara por seus serviços a Tsuranuanni lhe permitia viver como membro honorário da própria família do Imperador. Os Brancos Imperiais também estavam prontos a marchar em sua defesa, pois, pela honra essencial à cultura tsurani, insultos e ameaças a ela eram uma ofensa a toda a família de sangue da Luz do Céu.

– Você parece muito satisfeita esta manhã, esposa – disse-lhe Hokanu ao ouvido.

Mara apoiou a cabeça no ombro dele, os lábios abertos para receber um beijo. Se, no fundo do coração, ela sentia falta da paixão selvagem

que conhecera com o escravo bárbaro de cabelo ruivo com quem gerara Justin, acabara por aceitar a perda. Hokanu era uma alma gêmea que partilhava sua aptidão política e tinha uma tendência à inovação. Era perspicaz, amável e devotado, assim como tolerante com sua teimosia, algo pouco comum entre os homens de sua cultura. Com ele, Mara falava como um igual. A relação originara um profundo e duradouro contentamento e, apesar de seu interesse no Grande Jogo do Conselho não ter diminuído, agora já não jogava com medo. O beijo de Hokanu aqueceu o momento como se fosse vinho, mas um grito agudo abalou toda a tranquilidade.

Mara se endireitou, abandonando o abraço de Hokanu, seu sorriso espelhado nos olhos negros do marido.

– Ayaki – concluíram ao mesmo tempo.

Logo em seguida, ecoou perto do lago o som trovejante de cascos a galope.

Hokanu apertou o braço em volta do ombro da esposa quando os dois se inclinaram para ver as brincadeiras do filho mais velho e herdeiro de Mara.

Um cavalo negro como carvão irrompeu por entre as árvores, a crina e a cauda esvoaçando ao vento. Enfeites verdes adornavam as rédeas e uma couraça com pérolas costuradas impedia a sela de deslizar para trás ao longo da barriga e do lombo esguios do animal. Agachado sobre os estribos envernizados estava um garoto de 12 anos recém-completados, o cabelo tão preto quanto o pelo da montaria. Ele controlou o cavalo para que desse a volta e fez com que corresse na direção da liteira de Mara, o rosto rígido devido à excitação da velocidade e sua esplêndida túnica decorada com lantejoulas esvoaçando como se fosse uma bandeira agitada pelo vento.

– Está se tornando um cavaleiro bastante audacioso – comentou Hokanu com admiração. – E o presente de aniversário parece estar sendo bem apreciado.

Mara olhou, com um prazer radiante estampado no rosto, enquanto o garoto dirigia a montaria para a trilha. Ayaki era a sua alegria, a pessoa que ela mais amava na vida.

O cavalo negro levantou a cabeça em protesto. Era agitado e estava ansioso por correr. Ainda não completamente à vontade com os enormes animais importados do mundo bárbaro, Mara, apreensiva, prendeu a respiração. Ayaki herdara um traço rebelde do pai e, nos anos que

se seguiram ao incidente em que escapara por um triz da faca de um assassino, às vezes era dominado por um espírito um tanto irrequieto. Parecia provocar a morte, como se desafiar o perigo servisse para reafirmar a vida que corria em suas veias.

Naquele dia, porém, nada disso aconteceu, pois o cavalo fora escolhido por sua obediência e rapidez. O animal bufou com irritação, mas submeteu-se às ordens, seguindo a passo ao lado dos carregadores da liteira de Mara, que conseguiram dominar a tentação de se afastar do enorme cavalo.

A Senhora ergueu a cabeça quando o garoto e o cavalo encheram seu campo de visão. Ayaki iria ficar com os ombros largos, um legado de ambos os avôs. Herdara o corpo esbelto dos Acoma e toda a teimosia corajosa paterna. Apesar de Hokanu não ser seu verdadeiro pai, ambos partilhavam amizade e respeito. Ayaki era o tipo de garoto que deixaria qualquer pai orgulhoso e já demonstrava a coragem de que necessitaria quando chegasse à idade adulta e entrasse por direito no Jogo do Conselho na qualidade de Senhor dos Acoma.

– Garoto exibido – brincou Hokanu. – Nossos carregadores devem ser os únicos no Império a quem é concedido o privilégio de usar sandálias, mas, se acha que vamos correr pelos campos com você, com certeza teremos de recusar.

Ayaki riu. Seus olhos escuros se fixaram na mãe, que desfrutava toda a alegria daquele momento.

– Para ser sincero, eu estava indo pedir ao Lax'l se poderia testar a nossa velocidade contra um cho-ja. Seria interessante saber se os guerreiros dele conseguem bater um grupo de cavalaria dos bárbaros.

– Isso se estivéssemos em guerra, o que no momento não acontece, graças aos deuses – comentou Hokanu em tom levemente mais sério. – Controle seus modos e, ao pedir, nada de ofender a dignidade do Comandante das Forças Armadas Lax'l.

O sorriso de Ayaki ficou ainda mais largo. Tendo crescido ao lado dos estranhos cho-ja, não se sentia de forma alguma intimidado pelo bizarro modo de ser deles.

– O Lax'l ainda não me perdoou por ter lhe dado um fruto *jomach* com uma pedra dentro.

– Ele perdoou – interpôs-se Mara –, mas depois disso tornou-se mais atento a seus truques, o que é inteligente da parte dele. Os cho-ja não têm o mesmo apreço por piadas que os humanos. – Ela olhou para

Hokanu antes de prosseguir. – Na verdade, acho que nem entendem nosso senso de humor.

Ayaki fez uma careta e o cavalo negro se curvou sob ele. Os carregadores da liteira mudaram de direção, afastando-se de seus cascos irrequietos; o tranco na liteira perturbou o pequeno Justin, que despertou com um choro de irritação.

O cavalo negro se assustou com o som. Ayaki dominou o animal com mão firme, mas o cavalo, irrequieto, recuou alguns passos. Hokanu manteve o rosto impassível, embora tenha sentido enorme vontade de rir da feroz determinação e do controle do rapaz. Justin deu um chute enérgico na barriga da mãe. Ela se dobrou para a frente, erguendo-o rapidamente com os braços.

Então algo passou veloz ao lado da orelha de Hokanu, vindo de trás, fazendo com que as cortinas da liteira esvoaçassem. Surgiu um pequeno buraco na seda no local onde pouco antes estivera a cabeça de Mara. Hokanu se lançou, apressado, contra o corpo da mulher e do filho e se virou para olhar para trás. Por entre as sombras dos arbustos próximos à trilha, algo preto se mexeu. Instintos adquiridos em batalha fizeram com que Hokanu agisse sem pensar.

Empurrou a mulher e o filho mais novo para fora da liteira, mantendo seu corpo à frente para servir de escudo. Seu salto abrupto fez a liteira tombar, proporcionando-lhes mais cobertura.

– Os arbustos! – gritou enquanto os carregadores caíam.

Guardas desembainharam prontamente as espadas para defender sua Senhora. Mas hesitaram ao não perceber um alvo visível para atacar.

– Mas o que... – falou Mara, confusa atrás de um amontoado de almofadas e cortinas rasgadas, sobrepondo-se ao choro de Justin.

Hokanu se virou para os guardas e gritou:

– Atrás dos arbustos das *akasi*.

O cavalo bateu com as patas no chão, como se tentasse pisar em um mosquito irritante. Ayaki sentiu sua montaria estremecer debaixo dele. As orelhas do cavalo se eriçaram e ele agitou a espessa crina, enquanto o garoto tentava controlá-lo com as rédeas.

– Calma, amigo. Quietos.

O alerta do padrasto não chegou a seus ouvidos, tão concentrado que estava em conter o corcel.

Hokanu espiou por cima da liteira. Os guardas já vasculhavam os arbustos que ele indicara. Assim que se voltou para verificar a possibi-

lidade de haver um agressor vindo do outro lado, viu Ayaki tentando freneticamente acalmar um cavalo cada vez mais assustado e perigoso. Um reflexo de verniz à luz do sol revelou um pequeno dardo cravado no flanco do animal.

– Ayaki! Salte!

O cavalo deu um violento coice. O dardo na pele desempenhara sua tarefa e um veneno que afeta os nervos percorreu os vasos sanguíneos do animal, que revirou os olhos, exibindo grandes globos brancos. Empinou, erguendo as patas dianteiras, e de sua garganta jorrou um grito penetrante quase humano.

Hokanu saltou para longe da liteira. Agarrou as rédeas do cavalo, mas os cascos duros o obrigaram a recuar. Agachou-se, tentou segurar de novo, mas falhou quando o cavalo girou. Já bastante habituado aos comportamentos equinos para saber que aquele animal tinha enlouquecido, gritou para o garoto agarrado com ambas as mãos a seu pescoço:

– Ayaki! Salte daí! Agora, menino!

– Não – gritou o garoto, não em desafio, mas por bravura. – Eu consigo acalmá-lo.

Hokanu saltou de novo para agarrar as rédeas, terrivelmente preocupado com a própria segurança. A insistência do garoto poderia ser justificável se o cavalo estivesse meramente assustado. Mas Hokanu já vira os efeitos de um dardo envenenado antes; reconheceu o significado do tremor da carne do cavalo e da súbita falta de coordenação: eram os sintomas de um veneno de ação rápida.

Se o dardo tivesse atingido Mara, a morte a teria levado em poucos segundos. Em um animal dez vezes maior que ela, o fim seria mais lento e brutalmente doloroso. O cavalo urrou de agonia e um espasmo abalou seu enorme corpo. Expôs dentes amarelos e se debateu contra as rédeas, enquanto Hokanu continuava tentando agarrá-lo.

– Veneno, Ayaki! – gritou acima do ruído provocado pelo cavalo frenético. Atirou-se para a frente para tentar segurar o estribo, na esperança de agarrar o garoto. As patas dianteiras do cavalo se enrijeceram, esticando-se para a frente quando os músculos se retesaram. Então a parte traseira cedeu e ele tombou.

O baque produzido pelo corpo pesado batendo na terra se misturou com o grito de Mara. Ayaki se recusara a saltar do cavalo até o último instante. Então ele foi atirado de lado e seu pescoço ricocheteou para trás

quando a força da queda o projetou por cima da trilha. O cavalo estremeceu e rolou para cima do garoto, prendendo-o e esmagando-o sob seu corpo.

Ayaki não abriu a boca. Hokanu conseguiu não ser atingido pelos cascos quando correu depressa em volta do animal em sofrimento. Logo chegou perto do garoto, mas já era tarde demais. Entalada sob o peso do cavalo trêmulo e quase morto, a criança parecia pálida demais para estar viva. Seus olhos escuros se voltaram para Hokanu e sua mão livre se esticou para segurar a do padrasto uma fração de segundo antes de a morte chegar.

Hokanu sentiu os dedos pequenos e sujos ficarem frouxos dentro de sua mão. Agarrou-se a uma raiva de pura negação.

– Não! – gritou, como se apelasse aos deuses.

OuvIU os gritos de Mara e percebeu que os soldados de sua guarda de honra o empurravam para tentar erguer o cavalo morto. A montaria foi rolada para o lado, com um gemido emitido pelo ar libertado dos pulmões. No que dizia respeito a Ayaki, não houve resistência à morte terrível e precoce. As costas do cavalo esmagaram seu peito e as costelas haviam perfurado a carne esmagada como se fossem pedaços de espadas partidas.

O rosto jovem, branco demais, continuava de olhos fixos, abertos e espantados, fitando o céu plácido lá no alto. Os dedos com que tentara agarrar o padrasto em quem tanto confiava para evitar o horror das trevas estavam vazios, abertos, a crosta de sangue num polegar servindo de último testemunho do treino intensivo com uma espada de madeira. Aquele garoto jamais conheceria as honras ou os horrores de uma batalha, ou o beijo terno da primeira namorada, ou o orgulho e a responsabilidade do manto de Senhor que um dia seria seu.

O caráter definitivo de um fim súbito deixa uma dor semelhante a um ferimento que sangra. Hokanu sentia enorme pesar, sem querer acreditar naquilo. Sua mente só conseguiu contornar o choque graças à experiência nos campos de batalha.

– Cubra o menino com um escudo – ordenou. – A mãe dele não deve vê-lo neste estado.

Mas as palavras saíram tarde demais dos lábios entorpecidos. Mara apareceu de repente atrás dele e Hokanu sentiu a agitação de suas vestes de seda na panturrilha quando ela se deixou cair de joelhos ao lado do filho. Esticou os braços para envolvê-lo, para erguê-lo do chão de terra, como se, pela mera força do amor, pudesse lhe devolver a vida. Mas

as mãos se detiveram no ar sobre a carne dilacerada que outrora tinha constituído o corpo de Ayaki. Sua boca se abriu, mas não saiu nenhum som. Algo se quebrara dentro dela. Instintivamente, Hokanu a agarrou por trás e a aconchegou ao ombro.

– Ele partiu para os salões do Deus Vermelho – murmurou.

Mara não respondeu. Hokanu sentiu a batida acelerada do coração dela sob suas mãos. Só bem depois reparou no tumulto em volta do arbusto ao lado da trilha. A guarda de honra de Mara se atirara com sede de vingança sobre o assassino vestido de negro. Antes de Hokanu conseguir se recompor para ordenar cautela – pois, se fosse capturado vivo, o homem poderia ser obrigado a revelar qual fora o inimigo que o contratara –, os guerreiros puseram ponto final ao assunto.

Suas espadas se ergueram e caíram, com um reflexo vermelho vivo. Em poucos segundos, o assassino de Ayaki jazia como uma vitela de *needra* esquartejada na bancada de um açougueiro.

Hokanu não sentiu pena daquele homem. Por entre o sangue, enquanto os soldados o viravam, reparou na camisa curta e nas calças pretas. O pano que cobria a cabeça ocultava tudo, exceto os olhos do homem, e foi puxado para o lado para mostrar uma tatuagem azul na face esquerda. Aquela marca só poderia ser usada por um membro da Seita dos Hamoi, uma irmandade de assassinos.

Hokanu se ergueu devagar. Ainda que os soldados não tivessem eliminado o assassino, ele teria morrido de bom grado antes de divulgar qualquer informação. A seita respeitava um rigoroso código de sigilo e com certeza o assassino não devia saber quem pagara a seu líder por aquele ataque. E o único nome que interessava era o do homem que contratara os serviços da irmandade Hamoi.

Em um canto insensível de sua mente, Hokanu compreendeu que a tentativa de matar Mara não fora barata. Aquele homem não tinha esperança de sobreviver à sua missão e um ataque suicida custava uma fortuna.

– Vasculhem o corpo e procurem pegadas na propriedade – ouviu-se dizer numa voz endurecida pelas emoções que fervilhavam dentro dele. – Vejam se conseguem descobrir qualquer pista a respeito de quem possa ter contratado a seita.

O Líder de Ataques dos Acoma que estava no comando fez uma reverência a seu Senhor e deu ordens severas aos homens.

– Deixe um guarda para vigiar o corpo do rapaz – acrescentou Hokanu.

Abaixou-se para confortar Mara e não se surpreendeu por ela continuar muda, combatendo o horror e a descrença. O marido não a culpou por não conseguir manter a compostura e mostrar a impassibilidade tsurani apropriada. Ayaki fora durante muitos anos a única família que ela conheceria; Mara não tinha outros parentes de sangue. A vida dela antes do nascimento do menino havia sido atormentada por uma sucessão de perdas e mortes. Hokanu aninhou o corpo pequeno e trêmulo da esposa contra o seu enquanto acrescentava as instruções necessárias a respeito do garoto. Mas, quando os preparativos se completaram e Hokanu ternamente tentou afastar Mara, ela se debateu.

– Não! – exclamou, a voz estrangulada pela dor. – Não vou deixá-lo aqui sozinho!

– Minha Senhora, não podemos fazer mais nada por Ayaki. Ele já está nos salões do Deus Vermelho. Apesar da pouca idade, enfrentou a morte com coragem. Será bem acolhido. – Então afagou os cabelos escuros dela, ensopados pelas lágrimas, e tentou acalmá-la: – Você ficará melhor lá dentro com aqueles que gostam de você, e Justin poderá ficar aos cuidados das amas.

– Não – repetiu Mara, em um tom de voz que ele, por instinto, decidiu não contrariar. – Não saio daqui.

Apesar de ter concordado depois de algum tempo que o filho mais novo, agora o único, fosse enviado para a casa grande sob a proteção de uma companhia de guerreiros, ela sentou-se, sob o calor matinal, no solo empoeirado, olhando fixamente para o rosto do primogênito.

Hokanu não saiu de seu lado. O cheiro fétido da morte não o afastou, tampouco o enxame de moscas que zumbiam e sugavam os olhos do corpo perfurado da montaria. Controlado como se estivesse num campo de batalha, enfrentou o pior e suportou. Em voz baixa, instruiu um escravo mensageiro a buscar criados e uma pequena tenda de seda para proporcionar sombra. Mara não desviou o olhar quando o toldo foi colocado acima dela. Ignorando a presença das pessoas ao redor, ficou peneirando a terra por entre os dedos até que uma dúzia de seus melhores guerreiros chegou com armaduras cerimoniais para levar dali seu filho morto. Ninguém discutiu a sugestão de Hokanu de que o garoto merecia honras de campo de batalha. Ayaki perecera devido a um dardo inimigo; era como se o veneno tivesse se infiltrado em sua carne. Ele se recusara a abandonar o adorado cavalo e tal coragem e responsabilidade em alguém tão jovem mereciam toda a consideração.

Mara observou, com uma expressão rígida como porcelana, enquanto os guerreiros levantavam o corpo do filho e o colocavam em um esquife enfeitado com flâmulas do verde dos Acoma e uma única fita escarlate, em honra do Deus Vermelho presente na vida de todos.

A brisa da manhã parou e os guerreiros começaram a transpirar ao executar a tarefa. Hokanu ajudou Mara a se levantar, desejando que ela não se despedaçasse. Ele tinha noção do esforço que precisava fazer para manter a própria compostura, e não apenas por causa de Ayaki. Seu coração sangrava igualmente por Mara, cujo sofrimento ele mal conseguia imaginar. Ajudou a esposa a caminhar quando ela se colocou ao lado do esquife e o lento cortejo desceu a colina em direção à casa grande, que apenas algumas horas antes parecia um lugar abençoado pela felicidade.

O fato de os jardins se mostrarem tão luxuriantes e as margens do lago tão verdejantes e belas enquanto o garoto no esquife tinha o corpo tão ensanguentado, destroçado e imóvel parecia um crime antinatural.

Os carregadores de honra pararam diante da porta de entrada da frente, utilizada em ocasiões cerimoniais. Os servos mais leais da casa estavam à sombra da enorme porta de pedra. Um a um, curvaram-se perante o esquife para homenagear o jovem Ayaki. Eram liderados por Keyoke, Conselheiro-Mor de Guerra, cujo cabelo já estava grisalho devido à passagem do tempo; trazia embrulhada em sua capa de cerimônia, para não incomodar, a muleta que lhe permitia movimentar-se, já que ferimentos de guerra haviam lhe custado uma perna.

Enquanto entoava as palavras rituais de pesar, ergueu o olhar para Mara, exibindo uma dor equivalente à de um pai, com os olhos nublados e uma expressão dura. Atrás dele aguardava Lujan, o Comandante das Forças Armadas dos Acoma, sem seu sorriso jovial de sempre e com o olhar fixo, entrecortado por incômodas piscadas para conter as lágrimas. Guerreiro até o âmago, só a muito custo conseguiu manter a compostura. Ensinará o garoto que seguia no esquife a se defender com uma espada e ainda naquela manhã elogiara sua crescente habilidade.

Tocou a mão de Mara quando ela passou.

– Ayaki podia ter apenas 12 anos, minha Senhora, mas já era um guerreiro exemplar.

A Senhora mal assentiu em resposta. Conduzida por Hokanu, prosseguiu em direção ao *hadonra*, o próximo da fila. Pequeno e tímido, Jican mostrava um semblante destroçado. Conseguira recentemente despertar o interesse do inconstante Ayaki pelas artes das finanças da

propriedade. Os jogos deles com conchas representando os bens dos Acoma que poderiam ser comercializados já não perturbariam o local da copa reservado ao desjejum.

Jican se atrapalhou com as palavras formais de compaixão dirigidas a sua Senhora. Seus circunspectos olhos castanhos pareceram refletir a dor dela quando esta prosseguiu, acompanhada pelo marido, na direção do jovem conselheiro Saric e de seu assistente, Incomo. Ambos tinham ingressado recentemente nas fileiras do pessoal da casa, mas Ayaki já conquistara seu afeto, como fazia com todos. As condolências que apresentaram a Mara demonstraram pesar, mas ela foi incapaz de reagir. Apenas a mão de Hokanu em seu cotovelo a impediu de tropeçar ao subir as escadas até o corredor.

Ao seguir em direção à área imersa na sombra, Hokanu se arrepiou. Pela primeira vez, as paredes maravilhosamente cobertas com azulejos não lhe proporcionaram uma sensação de abrigo. Os belos biombo pintados que ele e Mara haviam encomendado não o deixaram tomado de espanto. Em vez disso, sentiu uma torturante incerteza: a morte do jovem Ayaki teria sido uma manifestação do desagrado dos deuses por Mara ter tomado como despojos as propriedades de seus inimigos derrotados? Os Minwanabi que no passado tinham caminhado entre aquelas paredes haviam jurado uma vingança de sangue contra os Acoma. Ignorando a tradição, Mara não enterrara o natami deles, a pedra talismã que assegurava a Roda da Vida aos espíritos desde que permanecesse sob a luz do sol. As sombras duradouras de inimigos subjugados projetariam má sorte sobre ela e seus filhos?

Temendo pela segurança do pequeno Justin, e se repreendendo em seu íntimo por ceder à superstição, Hokanu se concentrou em Mara. Se a morte e a perda sempre a tinham enrijecido, tornando-a mais corajosa e pronta para entrar em ação, dessa vez ela parecia totalmente devastada. Mara viu o corpo do garoto no salão grande e seus passos mais pareceram os de um boneco animado pelo feitiço de um mago. Sentou-se imóvel na lateral do esquife enquanto os criados lavavam a carne rasgada do filho e o vestiam com as sedas e as joias que lhe pertenciam como herdeiro de uma grande casa. Hokanu ficou por perto, sofrendo por se sentir completamente inútil. Mandara vir comida, mas sua Senhora não queria comer. Pedira a um curandeiro que preparasse um sonífero, desejando, esperando até, que isso provocasse uma reação irada.

Mas Mara mal balançou a cabeça e afastou a taça.

As sombras no chão se estenderam à medida que o sol cruzava o céu e as janelas no teto deixavam entrar ângulos de luz cada vez mais inclinados. Quando o escriba enviado por Jican bateu pela terceira vez, discretamente, à porta principal, Hokanu cuidou do assunto e disse ao homem que procurasse Saric ou Incomo para elaborar a lista das casas nobres que deveriam ser informadas da tragédia. Nitidamente, Mara não estava em condições de decidir isso. O único movimento que fez depois de horas foi pegar os dedos frios e enrijecidos do filho.

Lujan chegou por volta do anoitecer, as sandálias empoeiradas e os olhos mais fatigados do que jamais haviam ficado, mesmo no campo de batalha. Fez uma reverência à sua Senhora e ao consorte dela e aguardou permissão para falar.

Os olhos de Mara permaneceram apaticamente pregados no filho. Hokanu estendeu a mão e tocou em seu ombro tenso.

– Meu amor, seu Comandante das Forças Armadas tem novidades.

A Senhora dos Acoma se agitou, como se voltasse de repente de algum lugar bem distante.

– Meu filho morreu – disse debilmente. – Pela piedade de todos os deuses, deveria ter sido eu.

Com o coração despedaçado de dor, Hokanu afastou para trás uma mecha dos cabelos dela que saíra do lugar.

– Se os deuses fossem gentis, o ataque nunca teria ocorrido.

Em seguida, ao perceber que sua Senhora tornara a cair no torpor, voltou-se para o oficial.

Os olhares de ambos os homens se cruzaram, angustiados. Já tinham visto Mara enfurecida, magoada, temendo pela vida. Ela sempre reagira com vivacidade e empenho. Aquela apatia não era normal e todos que a amavam temiam que parte de seu espírito tivesse morrido com o filho.

Hokanu tentou sustentar o máximo possível aquele fardo.

– Conte o que seus homens descobriram, Lujan.

Se o Comandante das Forças Armadas de Mara fosse um homem mais fiel às tradições, teria se recusado a falar; embora Hokanu fosse um nobre, não era o Senhor dos Acoma. Mas a Casa dos Shinzawai estava unida por juramento aos Acoma e Mara não estava em condições de tomar decisões sérias. Lujan soltou um suspiro de alívio quase imperceptível. A veemência do herdeiro dos Shinzawai era considerável e as novidades trazidas por Lujan não eram animadoras.

– Meu Senhor, nossos guerreiros vasculharam o corpo e não obtiveram resultados. Nossos melhores batedores se juntaram às buscas e, em um buraco onde o assassino aparentemente dormiu, encontraram isto.

Passou a Hokanu um símbolo redondo com o formato de concha, pintado de vermelho e amarelo e com o selo triangular da Casa dos Anasati. Hokanu pegou o objeto com um toque de repulsa. O símbolo era daqueles que um Governante poderia dar a um mensageiro como prova de que lhe fora confiado um recado importante. Não era apropriado a um inimigo confiar tal emblema a um assassino, mas, na verdade, o Senhor dos Anasati não escondia seu ódio por Mara. Jiro era poderoso e um aliado declarado de casas que desejavam abolir as novas políticas do Imperador. Era, mais do que um homem de guerra, um erudito, e, embora fosse inteligente demais para ceder a atos grosseiros, Mara ofendera sua virilidade no passado: escolhera seu irmão mais novo como primeiro marido e desde então Jiro revelara abertamente sua animosidade.

Ainda assim, o objeto em forma de concha revelava uma falta de sutileza exagerada demais para se tratar de um golpe do Jogo do Conselho. E a Seita dos Hamoi era uma irmandade tão astuciosa que não permitiria a um de seus assassinos o disparate de carregar provas do Senhor ou da família que o teria contratado. Sua história era secular e suas condutas eram protegidas por segredos. Havia uma garantia de discrição absoluta para quem encomendasse uma morte a eles. O símbolo poderia ser um ardid destinado a lançar a culpa sobre os Anasati.

Hokanu ergueu um olhar de preocupação para Lujan.

– Acha que o Senhor Jiro foi o responsável por esse ataque?

Sua pergunta era mais uma expressão de dúvida implícita do que uma interrogação. Ao responder apenas com uma expiração tornou-se evidente que Lujan também tinha reservas quanto ao símbolo.

Mas o nome do Senhor dos Anasati rompeu a letargia de Mara.

– Foi Jiro que fez isso? – Ela desviou o olhar do corpo de Ayaki e viu o disco vermelho e amarelo na mão de Hokanu. Seu rosto se contorceu em uma máscara de raiva assustadora. – Os Anasati devem ser reduzidos a pó. O natami deles será enterrado em pedaços e seus espíritos, condenados às trevas. Mostrarei menos piedade por eles do que demonstrei pelos Minwanabi! – Cerrou as mãos em dois punhos trêmulos. Fixou o olhar num ponto entre o marido e o Comandante das Forças Armadas, como se o inimigo repulsivo fosse visível através do poder de seu ódio. – Mas nem isso servirá para compensar o sangue de meu filho. Nem isso.

– O Senhor Jiro pode não ser o responsável – comentou Lujan com sua voz habitualmente firme embargada pela dor. – A Senhora era o alvo, não Ayaki. Afinal de contas, o garoto é sobrinho do Senhor dos Anasati. O assassino da seita pode ter sido enviado por qualquer um dos inimigos do Imperador.

Mas Mara pareceu não ter escutado:

– Jiro vai pagar. Meu filho será vingado.

– Acha que o Senhor Jiro pode ser o responsável? – repetiu Hokanu para o Comandante das Forças Armadas.

A chance de o jovem herdeiro Anasati ser o culpado, mesmo depois de ter herdado o manto e o poder que haviam pertencido ao pai, revelaria teimosia e orgulho infantil. Uma mente amadurecida não alimentaria esse tipo de rancor, mas com sua arrogância presunçosa o Senhor dos Anasati poderia muito bem desejar que o mundo soubesse quem fora o responsável pela queda de Mara.

Porém, uma vez que Mara era Serva do Império, sua popularidade se espalhara por todo lado. Jiro poderia ser um tolo dominado pela virilidade ofendida, mas com certeza não a ponto de incitar a ira do Imperador.

Lujan voltou os olhos escuros para Hokanu.

– Esse pedaço de concha é a única evidência que temos. Seu caráter óbvio pode afinal ser sutil, como se, ao chamar atenção para a Casa dos Anasati, fôssemos deixá-la de lado imediatamente para procurarmos culpados em outro lugar. – A fúria se infiltrava em suas palavras. Ele também desejava reagir furiosamente àquela atrocidade. – Mas pouco interessa o que penso – concluiu de modo incisivo.

A honra lhe exigia que realizasse os desejos de sua Senhora, sem dúvidas nem hesitações. Se Mara lhe pedisse que reunisse a guarnição dos Acoma e marchasse de forma suicida para a guerra, ele obedeceria com todo o empenho.

O anoitecer reduziu a luminosidade que atravessava as claraboias no grande salão. Criados entraram em silêncio e acenderam as lamparinas dispostas ao redor do esquife de Ayaki. Fumaça aromatizada adocicou o ar. O efeito das luzes acolhedoras suavizou a palidez da morte e a sombra cobriu os hematomas disformes sob suas vestes de seda. Mara continuava sentada, sozinha, velando o corpo do filho. Fitava seu rosto oval e o cabelo escuro como carvão que, pela primeira vez desde que ela se lembrava, permanecera penteado por mais de uma hora.

Ayaki representara todo o futuro dela até aquele momento em que o corcel tombara e o esmagara. Representara suas esperanças, seus sonhos, e mais: ele deveria ser o futuro guardião de seus antepassados e a continuidade do nome dos Acoma.

A complacência dela lhe custara a vida.

Mara cerrou os dedos brancos no colo. Nunca, nunca, deveria ter ficado sossegada, acreditando que seus inimigos seriam incapazes de atingi-la. A culpa pela falta de vigilância a seguiria até o fim de seus dias. E como se tornara sombrio qualquer vislumbre do futuro! Ao lado dela jazia uma bandeja com os restos de uma refeição que beliscara; a comida não tinha sabor. A solicitude de Hokanu não servira para confortá-la. Conhecia-o bem demais e conseguia sentir nas palavras dele o reflexo da própria dor e da própria raiva, por isso se recriminava ainda mais profundamente.

O garoto não censurou sua tolice. Ayaki estava além dos sentimentos, fora do alcance do sofrimento ou da alegria.

Mara conteve um espasmo de dor. Desejou intensamente que o dardo a tivesse acertado, que as trevas que punham fim a tudo pudessem ser dela, e não do filho. O fato de ter outro filho ainda vivo não servia para diminuir seu desespero. Dos dois, Ayaki conhecera menos a completude da vida, apesar de ser o mais velho. O pai dele fora Buntokapi dos Anasati, cuja família fora inimiga dos Acoma, numa união que trouxera a Mara muita dor e pouca felicidade. Expedientes políticos a levaram a tecer artimanhas ardilosas que, vistas agora, com um olhar mais maduro, lhe pareciam nada menos do que assassinato. Ayaki fora a expiação dela diante do devastador suicídio do pai, que teve origem nas próprias maquinacões de Mara.

Embora, pelos princípios do Jogo do Conselho, ela tivesse obtido uma vitória memorável, intimamente encarava a morte de Buntokapi como uma derrota. Não fazia diferença que tivesse sido a negligência da própria família dele que o transformara em uma ferramenta à sua disposição. Ayaki lhe oferecera uma oportunidade de atribuir uma última honra à sombra de seu falecido esposo. Ela se mostrara determinada a que seu filho ascendesse à grandeza que fora negada a Buntokapi.

Mas agora todas as esperanças estavam irremediavelmente perdidas. O Senhor Jiro dos Anasati era irmão de Buntokapi e o fato de sua conspiração ter errado o alvo e resultado na morte do sobrinho alterara de novo o equilíbrio da balança política. Pois, sem Ayaki, os Anasati

estavam livres para retomar as hostilidades, em repouso desde a época do pai dele.

Ayaki crescera rodeado pelos melhores professores e sob total proteção de seus soldados, mas pagara pelos privilégios de sua posição. Aos 9 anos, quase perdera a vida pela adaga de um assassino. Duas aias e uma adorada servidora antiga da casa foram assassinadas na sua frente e aquela experiência fez com que passasse a ser assolado por pesadelos. Mara resistiu ao desejo intenso de afagar a mão do menino para reconfortá-lo. A carne estava fria e os olhos nunca se abririam outra vez refletindo alegria e confiança.

Mara não teve de combater as lágrimas; a raiva diante da injustiça serviu para travar sua mágoa. Os demônios pessoais que tinham revirado a natureza do pai na direção da crueldade inspiraram a melancolia e um espírito sonhador em Ayaki. Apenas nos três últimos anos, desde o casamento de Mara com Hokanu, o sol mais brilhante da natureza do garoto se tornara ascendente.

Ayaki sempre se orgulhava ao dizer que a fortaleza dos Minwanabi nunca estivera tão protegida: as defesas ali eram inexpugnáveis pelo inimigo. Além do mais, Mara era uma Serva do Império. O título trazia consigo a proteção dos deuses e sorte suficiente para manter distante o infortúnio.

Agora Mara se repreendia por ter se deixado influenciar por sua fé ingênua e cega. Aproveitara-se diversas vezes, no passado, das tradições e das superstições. Fora estupidamente presunçosa para não reparar que as mesmas coisas poderiam ser utilizadas contra ela.

Parecia-lhe injusto que tivesse sido o filho, e não ela, a pagar por isso.

O pequeno meio-irmão dele, Justin, ajudara a aliviar a melancolia do espírito de Ayaki. O segundo filho de Mara nascera da relação com o escravo bárbaro que ela ainda amava. Bastou que fechasse os olhos por instantes e logo surgiu em sua mente o rosto de Kevin, quase sempre sorrindo devido a alguma piada ridícula, com seu cabelo e barba ruivos brilhando como cobre sob o sol de Kelewan. Em sua companhia, não partilhara a harmonia que gozava com Hokanu. Não; Kevin se revelara tempestuoso, impulsivo e por vezes arrebatadamente insensato.

Ele não teria escondido sua dor; teria, isso sim, libertado seus sentimentos numa tempestade explosiva; o modo intenso como vivia a vida poderia ter ajudado Mara a encontrar coragem para enfrentar aquela afronta. O jovem Justin herdara a natureza despreocupada do pai. Tinha

o riso fácil, estava sempre pregando peças e já demonstrava ter a língua solta. Tal como o pai, Justin demonstrava um jeito especial para arrancar Ayaki da melancolia. Corria com suas pernas gordinhas ou tropeçava e caía rindo, ou fazia caretas até se tornar impossível permanecer perto dele em silêncio.

Mas, agora, não haveria mais risos partilhados com Ayaki.

Mara estremeceu, consciente apenas naquele momento da presença de alguém a seu lado. Hokanu entrara do modo sinistramente silencioso que aprendera com os habitantes das florestas do mundo bárbaro.

Ciente de que Mara notara sua presença, pegou a mão fria da esposa e colocou-a sobre a sua, quente.

– Minha Senhora, já passa da meia-noite. Seria bom descansar um pouco.

Mara desviou o olhar levemente do esquife. Seus olhos escuros se fixaram nos de Hokanu e a compaixão patente no olhar dele fez com que ela se esvaísse em lágrimas. As belas feições do esposo se turvaram e ele a puxou para si, encostando-a no ombro. Era forte, apesar de pouco musculoso, como o pai. E, se não revelava a paixão ardente como Kevin fazia, partilhava um entendimento natural com Mara. Era o marido que o pai de Ayaki nunca fora e sua presença quando a dor se apossava dela era o que a mantinha longe da insanidade. O toque que usava para tentar suavizar a dor dela era o de um homem com capacidade de comando no campo de batalha. Preferia a paz, assim como ela, mas, quando a espada se impunha, tinha a coragem dos tigres que habitavam a selva do outro lado do Portal.

Agora, tardiamente, os Acoma iriam precisar desses talentos em batalha.

Enquanto as lágrimas encharcavam o rosto de Mara, ela provava uma amargura sem limites. A culpa que a corroía tinha um nome que ela poderia transformar em bode expiatório. Jiro dos Anasati assassinara seu filho; por esse motivo, ela destruiria a casa dele de um modo inimaginável.

Como se pressentisse a reviravolta nas ideias de Mara, Hokanu a sacudiu de leve.

– Minha Senhora, precisamos de você. Justin chorou durante toda a ceia, perguntando o que aconteceu com a mamãe. Keyoke de hora em hora pedia instruções e o Comandante das Forças Armadas precisa saber quantas companhias devem ser chamadas de volta do serviço nas propriedades próximas a Sulan-Qu.

Com sua sutileza única, Hokanu não abordou a necessidade de iniciar uma guerra. Isso foi um alívio. Se tivesse feito perguntas ou tentado dissuadi-la de se vingar de Jiro alegando que um simples símbolo em concha era uma evidência pouco confiável, ela teria se virado para ele tomada de fúria. Quem naquele momento não estivesse com ela estaria contra ela. Um golpe tinha sido desferido contra os Acoma e a honra exigia uma resposta.

Mas a imagem do filho assassinado abalou sua determinação; qualquer forma de vida em seu rosto parecia ter sido sugada até os ossos.

– Minha Senhora? – chamou Hokanu. – Você precisa tomar decisões para que a vida na casa siga em frente. Você é os Acoma.

Mara começou a franzir as sobrancelhas. Seu marido estava certo. Quando se casaram, ficara estabelecido que o jovem Justin seria o herdeiro dos Shinzawai, sucedendo a Hokanu. Furiosa, Mara desejou que fosse possível desfazer a promessa. Nunca teria aceitado uma coisa daquelas se tivesse noção da mortalidade de Ayaki.

O círculo se fechara de novo. Fora negligente. Se não houvesse se tornado perigosamente complacente, seu filho de cabelos negros não estaria deitado imóvel dentro de um círculo de lamparinas fúnebres. Estaria correndo, como qualquer garoto, ou treinando suas habilidades de guerreiro, ou cavalgando nas colinas com seu corcel negro, mais rápido do que o vento.

Mais uma vez, Mara viu em sua mente o flanco do animal e o terrível golpe dos cascos quando desabou...

– Senhora – falou Hokanu com ternura, abrindo os dedos dela e tentando afastar a tensão. – Acabou. Temos de continuar cuidando dos vivos. – Com as mãos, limpou as lágrimas do rosto dela, mas logo brotaram outras para substituí-las. – Mara, os deuses não foram bondosos. Mas meu amor por você se mantém, e a fé de seus servos em seu espírito é como uma luz nas trevas. Ayaki não viveu em vão. Era valente e forte e não se encolheu perante suas responsabilidades, mesmo no momento da morte. Tal como ele fez, também devemos fazer, ou o dardo que derrubou o cavalo desferirá mais do que um golpe fatal.

Mara fechou os olhos e tentou negar a presença da fumaça aromatizada das lamparinas fúnebres. Não precisou que a lembrassem de que milhares de vidas dependiam dela, enquanto Governante dos Acoma; naquele dia, revelara que não merecia a confiança deles. Já não governava a vida de um rapaz em crescimento. Aparentemente, já não lhe

restava força de vontade e, no entanto, tinha de se preparar para uma grande guerra e obter vingança para manter a honra da família e, então, gerar um novo herdeiro.

Contudo, a esperança, o futuro, o entusiasmo e os sonhos pelos quais tanto se sacrificara tinham se transformado em pó. Sentia-se entorpecida, castigada de forma incurável.

– Meu Senhor e meu marido – disse, com voz rouca –, receba meus conselheiros e eles seguirão suas indicações. Não tenho ânimo para tomar decisões, mas os Acoma devem se preparar para entrar em guerra.

Hokanu a mirou com um olhar ferido. Sempre admirara a força da esposa, e ver sua bela audácia subjugada pela dor feria seu coração. Apertou-a contra si, ciente da profundidade de seu sofrimento.

– Senhora – sussurrou suavemente –, vou poupá-la do que for possível. Se decidir marchar contra Jiro dos Anasati, estarei ao lado de seu Comandante das Forças Armadas. No entanto, mais cedo ou mais tarde, terá de vestir o manto de sua casa. O nome dos Acoma está em suas mãos. A perda de Ayaki não deve ser um fim, mas uma renovação de sua linhagem.

Terminado o discurso Mara virou o rosto para o ombro do marido e durante muito tempo, além do que seria considerado razoável, suas lágrimas encharcaram silenciosamente a preciosa seda azul da túnica dele.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br